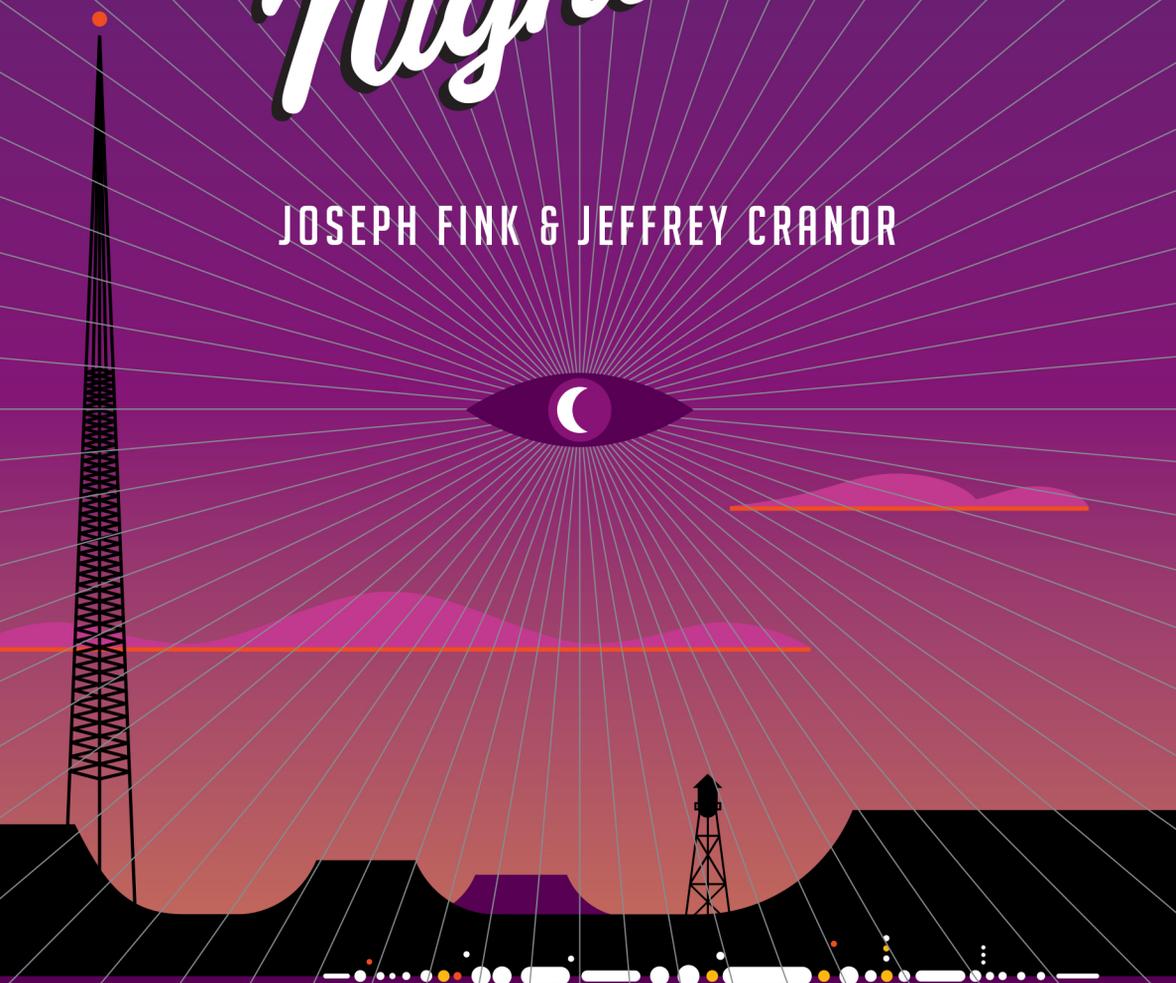


Welcome to Night Vale

JOSEPH FINK & JEFFREY CRANOR



“Brilhante, hilário e maravilhosamente excêntrico. Quero me mudar para Night Vale!”

**RANSOM RIGGS, AUTOR DA SÉRIE
O LAR DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES**

*Welcome to
Night Vale*



Welcome to Night Vale

JOSEPH FINK & JEFFREY CRANOR

TRADUÇÃO DE JOANA FARO



Copyright © 2015 by Joseph Fink e Jeffrey Cranor

TÍTULO ORIGINAL
Welcome to Night Vale

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Giuliana Alonso
Juliana Werneck

REVISÃO TÉCNICA
Isadora Prospero

PROJETO GRÁFICO
Leah Carlson-Stanistic

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE CAPA E MIOLO
Rob Wilson

IMAGEM DO VERSO DA CAPA
Jessica Hayworth

ARTE DAS PÁGINAS 1, 2, 3, 6, 7, 8 e 334
Julio Moreira | Equatorium Design

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F535w

Fink, Joseph
Welcome to Night Vale / Joseph Fink, Jeffrey Cranor ; tra-
dução Joana Faro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
336 p. ; 23 cm

Tradução de: Welcome to Night Vale
ISBN 978-85-8057-905-5

1. Ficção americana. I. Cranor, Jeffrey. II. Faro, Joana. III. Título.

16-31235

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



A história da cidade de Night Vale é longa e complicada, remontando a milhares de anos, quando os primeiros povos indígenas surgiram no deserto. Mas não vamos falar sobre nada disso aqui.

Basta dizer que é uma cidade como qualquer outra: tem uma prefeitura, uma pista de boliche (o Complexo Recreativo de Boliche e Fliporama Flor do Deserto), uma lanchonete (a Madrugada Enluarada), um supermercado (Ralphs) e, claro, uma estação de rádio comunitária que transmite todas as notícias que os cidadãos têm permissão de ouvir. Por todos os lados é cercada por um vasto deserto, plano e ermo. Talvez seja muito parecida com sua cidade. Talvez seja mais parecida com sua cidade do que você gostaria de admitir.

É uma amistosa comunidade do deserto, onde o sol é quente, a lua é linda e misteriosas luzes atravessam o céu enquanto todos fingem dormir.

Bem-vindo a Night Vale.

Em Night Vale, as lojas de penhores funcionam da seguinte forma:

Primeiro, você precisa de um item para penhorar.

Para obtê-lo, é necessário deixar passar muito tempo, anos vivendo e existindo, até chegar ao ponto em que você acredita na própria existência, na existência daquele objeto, no conceito de propriedade e no fato de que, por mais improváveis que sejam, essas crenças absurdas se alinham de forma a configurar sua posse sobre um item.

Bom trabalho. Muito bem.

Em segundo lugar, após acreditar que possui um item, você deve chegar ao ponto de precisar mais de dinheiro do que do item. Esse é o passo mais fácil. Basta possuir um item e um corpo com necessidades e esperar.

A única loja de penhores na cidade de Night Vale é gerenciada pela jovem Jackie Fierro. O estabelecimento não tem nome, mas, se precisar dele, saberá onde encontrá-lo. Essa informação chegará de repente, em geral no chuveiro. Você vai cair de quatro, cercado por uma forte escuridão cintilante, a água quente escorrendo pelo corpo, e saberá onde fica a loja de penhores. Vai notar o cheiro de mofo e sabão e sentir uma pontada de pânico ao se dar conta da própria solidão. Será como a maioria dos banhos que já tomou.

Antes de oferecer um item à Jackie é necessário lavar as mãos, por isso há tigelas de água filtrada por toda a loja. É preciso cantarolar enquanto lava as mãos. Claro, sempre se deve cantarolar ao lavar as mãos. Afinal, é uma questão de higiene.

Quando estiver adequadamente purificado, você colocará o item no balcão, e Jackie vai analisá-lo.

Jackie vai estar com os pés no balcão. Ela vai se recostar.

— Onze dólares — dirá.

Jackie sempre dirá “onze dólares”. Você não vai responder. Na verdade, você é desnecessário nesse processo. Completamente desnecessário.

— Não, não — dirá ela, agitando a mão.

E aí dará o preço real. Em geral, é dinheiro. Às vezes são outras coisas: sonhos, experiências, visões.

Então você vai morrer, mas só por um tempinho.

O item receberá uma etiqueta de preço. Onze dólares. Tudo na loja de penhores custa o mesmo preço, não importa quanto Jackie lhe ofereceu pelo item.

Quando não estiver mais morto, ela vai lhe entregar um recibo, que mais tarde você poderá trocar pelo item, ou para o qual poderá olhar a qualquer momento e se lembrar do item. Lembrar-se do item é de graça.

Agora você vai deixar esta história. Você foi apenas um exemplo e, de qualquer maneira, talvez seja mais seguro não participar dela.

Jackie Fierro olhou para o estacionamento pela vitrine. Estava vazio. Ia fechar a loja em breve. Relativamente falando, ela estava sempre fechando em breve, e também sempre acabando de abrir.

Pela vitrine via-se o estacionamento, depois o deserto e o céu, quase vazio, com algumas estrelas. Do balcão, tudo aquilo era distante, igualmente inalcançável.

Ela tinha acabado de fazer dezenove anos. Tinha acabado de fazer dezenove anos desde sempre. A loja de penhores lhe pertencia havia muito tempo, talvez séculos. Relógios e calendários não funcionam em Night Vale. O próprio tempo não funciona.

Durante todos os anos que passou como a jovem proprietária da loja de penhores, Jackie só deixava a loja na hora de fechá-la e depois ia para seu apartamento, onde se sentava com os pés na mesinha de centro e ouvia a rádio comunitária e o canal de notícias local. Com base no que as notícias lhe diziam, o mundo exterior era um lugar perigoso. Sempre havia algum cataclismo apocalíptico ameaçando Night Vale. Cachorros ferozes. Uma brilhante nuvem senciente com o poder de controlar mentes (embora a Nuvem Brilhante tenha se tornado menos ameaçadora desde sua eleição para o Conselho Escolar). Portas antigas de carvalho

que levavam a uma dimensão estranha e deserta na qual a atual prefeita ficara presa durante alguns meses. Parecia mais seguro não ter amigos ou hobbies. Então ela ficava na loja, concentrada, fazendo seu trabalho, e depois ia direito para casa, onde tomava copos e mais copos de suco de laranja e ouvia o rádio, protegida de qualquer coisa que pudesse perturbar aquela rotina.

Os dias se passavam em silêncio, quase vazios, com alguns pensamentos. Em certos dias ela recatalogava o inventário. Em outros, tirava o pó das prateleiras. Mas sempre se sentava e pensava. Tentava se lembrar do dia em que assumiu a loja. Esse dia devia ter existido, mas ela não conseguia recordar os detalhes. Fazia aquilo havia décadas. Era muito jovem. Ambas as afirmações eram verdadeiras.

Ela sabia que era comum pessoas de dezenove anos irem para a faculdade. Também sabia que era comum jovens da idade dela estarem desempregados devido ao mercado de trabalho desfavorável e morarem na casa dos pais. Jackie estava satisfeita por não fazer nem uma coisa nem outra, então continuava eternamente na loja de penhores.

Ela entendia o mundo e seu lugar nele. Entendia o nada. O mundo e seu lugar nele não significavam nada, e ela sabia disso.

Como Night Vale não tinha horário comercial, Jackie seguia sua intuição sobre a hora de fechar a loja. Quando a sensação vinha, não tinha jeito: as portas precisavam ser trancadas, removidas dos batentes e enterradas em um lugar seguro.

A sensação veio. Ela tirou os pés do balcão. Fora um ótimo dia de trabalho.

A velha Josie, que morava perto do estacionamento, havia aparecido com vários flamingos de plástico baratos. Ela os levava em um grande saco de lona e os despejara no balcão como se fossem moedas.

— Não é por mim que abro mão destes pequeninos — disse Josie, dirigindo-se com uma voz firme e formal a uma parede nua vários metros à direita de Jackie, fazendo de vez em quando um gesto amplo com a mão. — Mas pelo futuro.

Josie se calou, a palma ainda estendida. Jackie chegou à conclusão de que o discurso tinha acabado.

— Tudo bem, cara, pago onze dólares — ofereceu ela.

A velha Josie estreitou os olhos para a parede nua.

— Ah, está bem — consentiu Jackie, cutucando um dos flamingos e olhando para a frágil barriga de plástico. — Que tal uma boa noite de sono?

A velha Josie deu de ombros.

— Aceito.

Uma boa noite de sono era uma oferta extremamente generosa. Os flamingos não tinham valor algum, mas eram muitos, e Jackie não se conteve. Ela nunca recusava um item.

— Cuidado para não tocá-los diretamente — alertou Josie, quando deixou de estar morta.

Usando um pedaço de pano, Jackie colocou os flamingos lado a lado na prateleira, cada um etiquetado com o preço de onze dólares. *A maioria das coisas não devia mesmo ser tocada*, pensou.

— Tchau, querida — disse Josie, pegando o recibo que Jackie preencheria. — Apareça lá em casa um dia desses para conversar com os anjos. Eles têm perguntado por você.

Os anjos moravam com a velha Josie em sua pequena casa de condomínio em um condomínio que não existia mais, deixando-a isolada nos limites da cidade. Os anjos faziam algumas tarefas para ela, e Josie obtinha uma modesta renda vendendo itens tocados por eles. Ninguém entendia por que os anjos moravam com ela. Sabia-se muito pouco sobre os anjos. Apenas algumas coisas.

Claro, anjos não existem. É ilegal cogitar sua existência ou sequer lhes dar um dólar quando eles esquecem o dinheiro do ônibus e começam a pairar pelo Ralphs pedindo trocados. A grande hierarquia celeste é um sonho tolo e, de qualquer forma, os cidadãos de Night Vale são proibidos de saber sobre ela. Todos os anjos da cidade moram com Josie perto do estacionamento. Não existem anjos em Night Vale.

Por volta de meio-dia, Jackie havia adquirido um carro. Era uma Mercedes com poucos anos de uso, oferecida com urgência por um rapaz de terno risca de giz cinza e sujo de terra. Foi impressionante ele ter conseguido colocar o carro no balcão, mas para tudo há um método, e o carro

precisava ficar no balcão. Ele lavou as mãos e cantarolou. A água ficou marrom-avermelhada.

Ela o convenceu a aceitar cinco dólares em vez dos onze de costume, e ele riu quando pegou o dinheiro e o recibo.

— Não tem a menor graça — explicou ele, rindo mais.

E, no fim da tarde — quase na hora de fechar, segundo a intuição de Jackie —, uma mulher chamada Diane Crayton entrou na loja.

— Posso ajudá-la?

Jackie não sabia por que tinha feito aquela pergunta, pois raramente cumprimentava os clientes.

Ela conhecia Diane. A mulher organizava os eventos beneficentes da Associação de Pais e Professores, a APP. Às vezes, Diane aparecia para distribuir panfletos que diziam coisas como “Arrecadação de fundos da APP para a escola de ensino médio de Night Vale! Ajude a dar aos jovens a educação aprovada pelo município que eles merecem. Seu apoio é obrigatório e apreciado!”.

Na mente de Jackie, Diane era o tipo de mulher que seria uma mãe ativa na APP, com seu rosto gentil e suas roupas confortáveis. Ela também achava que Diane podia trabalhar com empréstimos bancários, considerando a maquiagem conservadora e o ar sério. E que pareceria uma farmacêutica se usasse um jaleco branco, uma máscara de gás e botas de plástico.

Para Jackie, Diane parecia uma porção de coisas. Sobretudo uma pessoa perdida tanto no espaço quanto no tempo.

A mulher tirou um lenço da bolsa. Com a mesma expressão superior e distante, derramou uma única lágrima no tecido.

— Gostaria de oferecer isto — disse ela, enfim olhando para Jackie.

Jackie avaliou o lenço. A lágrima secaria em breve.

— Onze dólares.

— Aceito — respondeu Diane.

Os braços dela, antes pendentes, foram na direção da bolsa.

Jackie pegou o lenço molhado com a lágrima e entregou o recibo e o dinheiro a Diane.

Após sua breve morte, ela agradeceu e saiu às pressas da loja. Jackie afixou a etiqueta de onze dólares no lenço e o colocou em uma prateleira.

Fora um ótimo dia de trabalho. Jackie virou a placa da porta de ABERTO para FECHADO e apoiou a mão na janela, deixando uma marca no vidro como se dissesse “Pare”, “Venha aqui”, “Olá”, “Socorro” ou talvez apenas “Eu estou aqui. Esta mão, pelo menos, é real”.

Ela baixou os olhos para arrumar os itens no balcão. Quando ergueu o rosto, o homem estava ali.

Ele usava um paletó bege e carregava uma pasta de couro de veado. Tinha traços humanos normais, dois braços e duas pernas. Talvez tivesse cabelo, ou talvez estivesse usando um chapéu. Tudo parecia normal.

— Olá — cumprimentou ele. — Meu nome é Everett.

Jackie gritou. O homem era perfeitamente normal. Ela gritou.

— Desculpe — disse ele. — A loja está fechada?

— Não, está tudo bem. Posso ajudá-lo?

— Espero que sim.

Ela ouviu um zumbido. Estava vindo da boca do homem?

— Tenho um item que gostaria muito de penhorar.

— Eu... — começou Jackie, e agitou a mão para indicar tudo o que poderia ter dito em seguida.

Ele assentiu para a mão dela.

— Obrigado pela ajuda. Eu já me apresentei?

— Não.

— Ah, desculpe. Meu nome é Emmett.

Eles se cumprimentaram com um aperto de mão. A dela continuou a apertar mesmo depois que ele soltou.

— Bem, aqui está o item.

O homem colocou um pedacinho de papel no balcão. Nele, escritas com um lápis mal apontado, estavam as palavras “KING CITY”. A caligrafia era trêmula e borrada, e o lápis fora pressionado com força. Ela não conseguia desviar o olhar, embora não identificasse o que aquele papel tinha de especial.

— Interessante — comentou Jackie.

— Não, não muito — replicou o homem de paletó bege.

O homem lavou as mãos e cantarolou em voz baixa, e Jackie se forçou a se recostar e colocar os pés no balcão. Para tudo há um método. Ela

olhou algumas vezes para o rosto do homem, mas percebeu que esquecia sua fisionomia no instante em que desviava os olhos.

— Onze dólares — anunciou.

O homem continuou a cantarolar, e mais vozes se juntaram à dele. Ao que parecia, vinham da pasta de couro de veado.

— De onde veio isto? — perguntou ela. — Por que está me oferecendo este papel? O que vou fazer com ele?

A voz dela saiu alta e estridente. Não se parecia em nada com sua voz.

O homem começou a harmonizar com as vozes da pasta. Parecia não registrar as perguntas de Jackie.

— Não, não, sinto muito — retrucou ela, ciente de que estava negociando mal, mas incapaz de parar. — Eu me enganei. Trinta dólares e uma teoria sobre o tempo.

— Fechado — respondeu o homem, sorrindo.

Aquilo era um sorriso?

Ela lhe deu trinta dólares e contou sua teoria sobre o tempo.

— Que interessante — observou ele. — Eu nunca tinha pensado por esse ângulo. Normalmente, não penso em nada.

Então ele morreu. Em geral, Jackie usava esse tempo para finalizar a papelada e preparar o recibo. Ela não fez nada. Apertou a tira de papel no punho fechado. O homem não estava mais morto.

— Desculpe. Seu recibo.

— Não precisa — disse ele, talvez ainda sorrindo.

Ela não via seu rosto bem o bastante para saber.

— Não, seu recibo. Para tudo há um método.

Ela fez um recibo com as informações que os recibos sempre continham. Um número aleatório (12.739), a qualidade da luz no momento da transação (“boa”), uma observação geral sobre o clima (“nebuloso”), seus pensamentos atuais sobre o futuro (“nebuloso, mas bom”), e um rápido esboço de como ela achava que os corações deveriam ser em vez de caroços pulsantes feitos de palha e argila que crescem como um câncer em nosso peito ao fazermos nove anos.

Ele pegou o recibo e, agradecendo, virou-se para ir embora.

— Adeus — disse ela.

“KING CITY”, disse o papel.

— Adeus — respondeu o homem com um aceno, sem dizer nada.

— Espere — pediu. — Você não me disse seu nome.

— Ah, é verdade — afirmou ele, com a mão na porta. — Meu nome é Elliott. Foi um prazer conhecê-la.

A porta se abriu e se fechou. Jackie segurava o pedaço de papel sem saber, pela primeira vez em sua vida de duração incerta, o que fazer. Sentiu que a rotina, intacta por décadas, havia sido perturbada, que algo diferente acontecera ali. Mas também não sabia por que sentia isso. Era apenas um pedaço de papel.

Ela terminou a papelada; na linha que dizia “penhorado por”, hesitou. Não se lembrava do nome dele. Nem de seu rosto. Olhou para o pedaço de papel. “KING CITY”. Jackie ergueu o olhar para observar o homem pela vitrine e tentar desemperrar a memória.

Do balcão, viu o homem de paletó bege do lado de fora. Ele corria para o deserto. Jackie mal conseguia vê-lo no limite do estacionamento iluminado. Os braços se agitavam loucamente, a pasta também. As pernas erguiam grandes nuvens de areia. A cabeça estava jogada para trás, e até mesmo de longe era possível ver o suor escorrendo pelo pescoço. Aquele tipo de corrida indicava uma fuga, não um simples deslocamento. Então ele ultrapassou o limite tênue das luzes do estacionamento e desapareceu.

“Hipnótico e repleto de humor negro...

Uma mistura de *Além da Imaginação*, Stephen King e *Twin Peaks*.”

THE GUARDIAN

Night Vale é uma cidade onde todas as teorias da conspiração são reais. Uma pequena comunidade na qual os cidadãos convivem em harmonia com anjos, alienígenas, nuvens sencientes e agências do governo misteriosas (e ameaçadoras). Cecil Palmer, o locutor da rádio comunitária, informa a todos as pequenas estranhezas do dia a dia.

Desta vez, um homem de paletó bege carregando uma pasta de couro está distribuindo pela cidade papéis com as palavras KING CITY. Ninguém sabe quem ele é ou o que quer com isso. Pior: nem sequer parecem se lembrar dele depois que desviam o olhar. Mas sua presença desencadeia muitas mudanças, e o destino de todos parece estar nas mãos de duas mulheres.

Caros ouvintes, bem-vindos a Night Vale.

UMA SAGA DE MISTÉRIO GENIAL E IRREVERENTE, INSPIRADA EM UM DOS PODCASTS AMERICANOS MAIS INOVADORES DA INTERNET: WELCOME TO NIGHT VALE.

“A incrível história da cidade de Night Vale transformada em um livro tão viciante quanto o podcast.”

KIRKUS REVIEWS

